

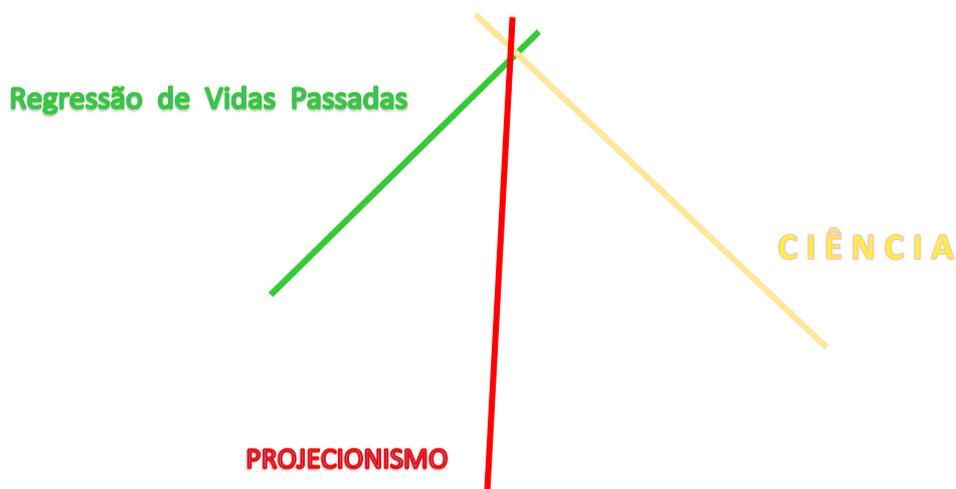
UM ESTUDO SOBRE A

# ESPIRITUALIDADE



X

EXPERIÊNCIA SOCIAL ALIENÍGENA



O texto é fidedigno à capa. Ao tripé da ciência, do projecionismo e da RVP, expõe 2 convicções antagônicas: espiritualista e materialista. O resultado é a inconclusividade e a semente plantada.

**ÍNDICE****PÁGINA**

O entendimento da espiritualidade	2
A espiritualidade	6
A experiência social alienígena	16
Só a inconclusividade valida a fé	26
Palavras do autor	33

# O Entendimento da Espiritualidade

Para ajustar a sintonia da comunicação deste estudo, é necessário definir o entendimento da espiritualidade alinhado com os princípios milenares das religiões, sempre ao encontro da ciência e esquivando de crenças. A partir dessas considerações é formulada a espiritualidade em relação ao ambiente existencial e à individualidade do ser.

## O ambiente existencial espiritual

O planeta está loteado por diversas doutrinas religiosas deístas, teístas e naturalistas em variadas vertentes e todas estas consideram três fundamentos comuns sobre a postulação da espiritualidade em relação ao ambiente da nova existência. São elas:

- a continuidade viva após a morte corpórea em outro lugar,
- a correlação entre as existências vivas,
- a existência de uma ordem, uma hierarquia nesse lugar.

Todas as religiões permeiam estas três condições, algumas com palavras explícitas, outras, de forma lógica direta, às vezes subentendida, mas sempre associadas a tais preceitos e jamais contra. Pois não há religião que indique o fim permanente, tampouco que indique desconexão da vida atual com a nova existência, assim como não há religião que nivele a todos como iguais; e a negação de todos os opostos sustenta a verdade de que essas três premissas apresentadas são pilares das religiões milenares.

Estatísticas censitárias revelam que o leque das religiões abrange cerca de 90% da população mundial, restando margem de quase 10% para os ateus e sem religião; conseqüentemente, cada pessoa do contingente religioso que acredita na vida além deste mundo, estará conjecturando a continuidade do seu ser em um novo lugar, que essa sua nova existência está correlacionada com a existência atual e que lá encontrará outros seres de maior ou menor poder e compreensão. Qualquer confronto a algum destes três pressupostos obviamente contrariará as religiões, por serem premissas da própria religiosidade.

### **A individualidade do ser**

Em relação ao ambiente existencial foi possível identificar três pontos comuns e coesos, já em relação à preservação da individualidade espiritual de cada pessoa, as religiões apresentam divergências conflitantes, uma vez que tal condição na nova existência diverge entre os distintos dogmas, podendo ocorrer como mineral, vegetal, animal, humano ou espírito.

Diante dessas variedades de reinos naturais para a reexistência da vida que as religiões dispõem, os fundamentos da continuidade do ser e da correlação entre as vidas presente e futura, ficam comprometidos com a visão dogmática de que a pedra, a árvore, ou o peixe existiram outrora como vida racional.

Tais involuções nas reexistências contrariam o sentido evolutivo das espécies, destoando do vetor da natureza, que tem como ápice a inteligência. Fere a compreensão quantitativa da vida, já que uma grande pedra se rompida em estilhaços, nenhum destes deixariam de ser pedra, para se tornarem partes de um ser; pois o mineral é divisível, mas a vida possui compreensão individualizada.

De modo que as religiões são convergentes no aspecto ambiental, mas com vertentes ambíguas no tocante à manutenção da individualidade do ser, por ferir a premissa de correlação das vidas, já que uma árvore ou um peixe não possuem a lucidez de sua existência, parecendo irracional abrigar a consciência que já foi inteligente.

Assim, vertentes religiosas adeptas da involução na reexistência não são consideradas neste estudo, o qual visou aderência às doutrinas deístas, teístas e naturalistas, sem pedras, plantas e animais como condição ou natureza de reexistência.

A partir desta delimitação é restabelecida a coesão ampla entre as religiões, tanto pelo ambiente existencial como em relação à individualidade do ser, cuja ponderação está muito além da aparência física e das impressões digitais que deixarão de existir com a deterioração do corpo. A personalidade estará mais definida nas experiências vividas, mais precisamente no sincronismo dos acontecimentos e com toda sua força nos detalhes intrínsecos desses momentos.

De modo que a memória sequencial dos acontecimentos e suas minúcias formam o algoritmo inconfundível que demarca a vida única de cada pessoa; e a lembrança guardada no cérebro constitui a chave criptografada dos fatos vividos que individualizam cada ser.

Somente a memória resguardada confere absoluta identidade a cada indivíduo, pois ninguém mais estará no mesmo cenário e figurino, lendo agora estas palavras. A memória vivida é ímpar a cada ser humano, todavia se restringe a um simples arquivo bibliográfico se desacompanhada de elemento que lhe confira vida, pois a mera sequência de cenas gravadas num vídeo pode registrar toda uma existência, mas é morto como todo objeto.

De maneira que a continuidade viva individualizada após a morte do corpo requer além da preservação da memória, a preservação da emoção associada, conferindo-lhe então identidade e vida à nova existência na espiritualidade, que se desconecta do cadáver para o mundo novo a que se insere.

O olhar da ciência tem sido pouco conclusivo sobre tal processo de desconexão entre o espírito e a carne, mas no mundo empírico, o projecionismo guarda relativa semelhança com a saída da consciência do corpo, em que tal consciência enxerga o próprio corpo paralisado, tornando plausível pensar em vida alheia ao corpo.

Também conhecido por Viagem Astral, o projecionismo é alcançado pela meditação, por exercícios de respiração, ou no simples sonho noturno, mas importa saber que neste estado, a consciência plena exteriorizada do corpo, paira o ambiente tridimensional munida de memória, emoção e também de percepção, trazendo em regresso ao corpo informações colhidas de onde os sentidos carnis não poderiam alcançar.

É um tanto impreciso referir-se ao projecionismo pela abstração dos conceitos envolvidos, seria como tentar explicar as cores ao cego de nascença. No entanto, o ponto crucial não está no seu entendimento, ou vivência, mas reside no simples fato da consciência viva poder existir alheia ao corpo, pois assim sendo na espiritualidade também, o processo natural abarcará a todos, independentemente de terem ou não passado por uma experiência de projecionismo.

Por fim, o entendimento da espiritualidade pode ser escrito como a consciência viva composta minimamente de memória, emoção e percepção, que abandona o corpo após seu colapso para existir em um novo ambiente correlato, em convivência hierárquica.

# A Espiritualidade

Em duzentos anos, os nascidos estarão mortos e nos filmes de ficção é visto o que será do mundo naquela data futura; portanto, o raciocínio sobre a espiritualidade não se deve limitar ao pensamento e à tecnologia de hoje, é preciso acrescentar as perspectivas da ciência que avançam a cada século.

Nessa visão futurista, deve-se considerar que o vetor de afastamento entre as novidades científicas e a espiritualidade mudou em 1905, pois as descobertas da física astronômica que antes dispensavam a mão de um Deus criador, passam a dar embasamento racional aos pressupostos da existência em espírito. Isto se comprova pela direção das últimas descobertas relacionadas à Teoria da Relatividade e à Teoria das Cordas que apontam perspectivas ao inusitado.

Por hora, é possível constatar quatro pistas, quatro observações da natureza relativística que transcendem o cotidiano da física newtoniana, dando indícios de forças do universo onde a preservação do espírito poderia ser uma lei biológica.

Antes é preciso lembrar que um muro<sub>Aq</sub> bloqueia a visão do mundo do além, tornando-o inacessível aos sentidos da carne, gerando a incerteza sobre os momentos seguintes à falência dos órgãos vitais, quando a consciência individual se apaga conforme preceito das correntes materialistas, ou é resgatável segundo as correntes espiritualistas, múltiplas em interpretações, concebendo deístas com ou sem ressurreição, teístas com ou sem reencarnação e naturalistas, que podem associar vidas às sementes, algumas vingam outras não.

Nesse prisma, só há duas realidades possíveis: a continuidade ou a extinção; em outras palavras, ou a consciência sobreviverá, ou nem saberá que morreu. E estas são duas hipóteses excludentes, pois o atendimento a uma descaracteriza a outra; e também universais, isto é, seja qual for a verdadeira, abarcará a todos os iguais, ou do contrário se comportará casuisticamente.

Portanto, se houver a extinção completa com a morte, tal condição anulará todos os méritos e deméritos por dar a todos o mesmo fim, tratando igualmente os desiguais; mas se a consciência sobreviver, deverá se sintonizar e atrair pelas afinidades comuns, conforme premissa da espiritualidade de correlação das existências.

Mas além das incertezas e conjecturas, a concepção da espiritualidade é viável a partir do projecionismo, que por sua similar existência extracorpórea, lastreia a hipótese de continuidade da vida em condição independente ao corpo, já que neste estado são preservados a percepção, a memória e as emoções, preenchendo os requisitos para a consideração da espiritualidade individualizada.

E tal associação faz ver a espiritualidade como uma transição, uma passagem da vida orgânica para uma vida em espírito. Sugere uma metamorfose que transcende a matéria, passando a existir não mais na carne, mas em alguma forma energética desconhecida, pois a vida na matéria só é concebida a partir da movimentação de cargas; tudo que se mexe, respira, imagina, ou altera minimamente seu estado, demanda certa transformação de energia, já que nada parece viver num estado inerte.

Na vida em estruturas de carbono estão previstas as afinidades eletroquímicas que movimentam energia em medidas calóricas, porém, a existência em espírito parece lidar com um novo conceito de energia, distinta da forma convencional de fótons e radiações emanadas pelo sol, mas com algum refinamento além da compreensão da ciência atual.

Portanto, as quatro pistas a serem apresentadas, possuem certo grau de subjetividade pelo que lida com o desconhecido da física, mas são conexas entre as grandezas comparadas, fundamentando coerência científica para a existência em espírito.

É a mesma espiritualidade verificada em multiformes religiões, que apresentam Deus e deuses dignos de elevado respeito, mas Seu valor advém da vida em espírito como condição pertinente a todas elas, o que torna a ponderação sobre a espiritualidade necessária e primária ante a escolha pessoal de cada religião. Igual despreensão deve ser considerada pelos agnósticos que subjagam a natureza ao pensarem que não os possa surpreender; desprezam a mudança de direção no vetor da ciência, que passa a justificar fundamentos da religiosidade.

Foge da compreensão da ciência se no grande cosmo a mãe natureza é geradora, ou se haverá um Deus com trono num céu de nuvens e anjos, segundo a interpretação de Michelangelo em 1510, quando a Terra ainda era vista estática.

A diversidade de interpretações das religiões para a visão do Olimpo, da Valhala, do céu, do paraíso, do nirvana, da natureza cósmica, enfim, da espiritualidade para os momentos que sucedem a morte, limita qualquer discussão sem um bom vinho, cabendo única atenção aos parâmetros incontestáveis da ciência, pois se esta é pela verdade, certamente estará a favor da força mais poderosa existente.

Foi pela ciência a partir do iluminismo, que muitos entendimentos penderes encontraram resposta às questões falivelmente explicadas pelas religiões e tais desacertos diante da correta compreensão mitigaram gradualmente a crença na espiritualidade. Porém, essa dissociação clássica entre ciência e espiritualidade tem sua inversão a partir de 1905, quando Albert Einstein deu a primeira pista da vinculação entre massa e energia, em sua famosa fórmula reescrita anos mais tarde como:  $E = MC^2$ .

Este foi um sinal da existência de um processo de transformação da matéria em energia e vice-versa, em relação ao qual a ciência míope limitou seu entendimento ao cálculo das reações nucleares, não alcançando um olhar além, correlacionando a massa do corpo com a energia do espírito, demonstrada pela ponte matemática da equação.

Mais tarde Einstein escreveu a Teoria Geral da Relatividade, que integrou tempo e espaço em uma única grandeza, permitindo cogitar até viagens no tempo para velocidade aparente superior à luz, pois que a relatividade é cega ao encurtamento linear de pórticos criados pela curvatura do espaço em razão da gravidade.

Tais portais oriundos das dobras do universo unem pontos a milhões de anos luz de distância, abrindo momentâneo caminho à passagem de lugares inalcançáveis pela tecnologia dos foguetes a propulsão. Seriam caminhos de transposição inimagináveis para a ciência de hoje, mas que passam a dar fundamento a um universo surreal tal qual pretendido na passagem da vida para espírito.

Outrora recusado na juventude, o renomado cientista passou a ser convidado a dar palestras em toda Europa após sua teoria ser confirmada pela curvatura da luz percebida nos observatórios espalhados pelo mundo em seu melhor eclipse.

Atualmente, a Teoria da Relatividade está amplamente comprovada pelo simples posicionamento de relógios de precisão em alturas distintas, que pela rotação da Terra os coloca em diferença de velocidades, provocando distorções na marcação dos horários; é a perturbação do tempo decorrente da deformação do espaço. Nessa segunda pista, a ciência se mostra muito mais enigmática ao tratar de conceitos revolucionários que ensejam inumeráveis perguntas ao mundo novo que se descortina.

Einstein viveu modestamente o reconhecimento de sua obra, dedicando seus últimos anos a escrever a grande equação da matéria, que rege seu comportamento no universo diante das quatro forças fundamentais conhecidas: eletromagnética, gravitacional, nuclear fraca e nuclear forte.

Seria uma fórmula matemática que abrangeria o comportamento da massa, desde os buracos negros até o mundo subatômico das partículas mais elementares; mas faleceu em Princeton no ano de 1955 sem conseguir deduzir sua misteriosa equação.

Os cientistas seguintes deram continuidade à dedução da expressão matemática com contribuições individuais, até que a perseguida equação pôde ser corretamente escrita, o que veio a ser a terceira pista sobre os mistérios do universo, a Teoria das Cordas. Isso porque sua dedução matemática só é possível a partir de um sistema mínimo de dez graus de liberdade, equivalente a um universo com dez dimensões, onde além das três dimensões espaciais conhecidas, outras sete dimensões intangíveis aos sentidos humanos estariam presentes.

Esta interpretação abre campo para a existência da espiritualidade, pois em relação à sua localidade predispõe dimensões paralelas por onde habitariam os espíritos, que já viveram outra vida na carne, mas agora são consciências vivas desmaterializadas; e talvez estas sete dimensões impenetráveis à matéria se disponham de forma crescente de entendimento e luz, hierárquica, conforme anunciado pelas religiões.

A quarta pista é decorrente também dos estudos derivados da Teoria das Cordas, voltada à existência de multiversos, isto é, a presença de outros universos coabitando e se chocando num turbilhão que se deixa notar pelo rastro da luz forte e distorcida que potentes telescópios conseguem detectar; pois a intensidade e a distorção da luz são compatíveis tão somente a um outro universo externo.

Mais uma vez a ciência mostra a extrema grandeza da natureza que o homem julga conhecer pelos fenômenos perceptíveis da física newtoniana, pois a amplidão diante de outros universos é uma grande porta que se abre para o novo, fundamentando infinitas possibilidades, para que tudo possa ocorrer em complexidade inalcançável ao entendimento da ciência atual.

Estas quatro pistas, quatro observações físicas da natureza relativística, passam a dar sentido científico à contextualização da espiritualidade, especificamente ao processo, caminho, localidade, e possibilidade de sua existência. Porém, a ciência como vara não se sustenta só, necessita de outras duas varas para que fiquem de pé, e erijam perspectiva real à existência do espírito.

Este tripé formado pela Ciência, apoia-se nas experiências de Projeccionismo e Regressão de Vidas Passadas, em que a ciência é garantidora da verdade, o projeccionismo da existência fora do corpo, e a RVP associa a vida presente a outras vidas.

Ao projeccionismo cabe o crédito pela existência imaterial, em que a consciência viva se desprende do corpo; e é certo que tal experiência ensinará sensações com interpretações subjetivas, mas sua ocorrência alcança fundamento científico em testes laboratoriais, onde a consciência desvincilhada da matéria colhe informações inacessíveis à percepção dos sentidos físicos, comprovando sua veracidade pela fidedignidade dos detalhes relatados após o retorno ao corpo.

Hipoteticamente, se um grupo de cinco instituições de pesquisa sem vínculos, esconderem em um determinado abrigo físico objetos individualmente escolhidos, de modo que a consciência viva desvincilhada da carne parada em outro local, pudesse adentrar este abrigo e ver os objetos em detalhes e com o regresso ao corpo, descrevesse corretamente os 5 objetos observados como: carta dama de ouros, relógio Rolex marcando 11:11, livro Assassinato no Expresso do Oriente, maço de Marlboro com sete cigarros e miniatura da Ferrari vermelha com o nome de Fangio. Tal proeza tornaria incontestável o fato da consciência se exteriorizar ao corpo.

Seria a consciência composta de memória, emoção e percepção, que ao sair do indivíduo vivo sonda lugares inalcançáveis ao corpo físico, que pela exatidão dos detalhes fazem prova plena de sua viagem transcendental. E se a consciência se desapega da matéria nos exercícios de projeccionismo realizados em vida, resta pensar se o mesmo sucederia quando da morte.

O que parece razoável é que, se no exercício de projeccionismo a consciência exteriorizada existe sem requerer nenhum subsídio do cérebro, ela sobreviverá após a decomposição da carne, fundamentando assim a espiritualidade; porém, se no projeccionismo a consciência exposta for suprida pela energia viva do cérebro, ambos morrerão juntos, nada mais restando.

A resposta a esta dicotomia transcende a tecnologia do início do século XXI. Do ponto de vista do suprimento energético, a falta de sustentação do cérebro deteriora consigo toda a memória, emoção e percepção; no entanto, não é sabido se algum tipo de energia desconhecida, alimentada pelo cérebro que passa a não existir, se desprende do corpo mantendo viva a consciência individual conforme anunciado nas religiões, como aura, alma, ou espírito, que moldados pelas experiências vividas sejam aderentes a ambientes correlatos e hierárquicos.

Da mesma forma, as RVPs permitem também o controle laboratorial de modo a estudar como informações desconhecidas da pessoa consciente são reveladas em estado de hipnose, evidenciando uma origem enigmática de tais informações, estranhas ao histórico de vida.

Relatos de expressão em idiomas desconhecidos, ou informações alheias do cotidiano, podem ser indícios da comunicação entre vivências distintas. Porém, é criterioso distinguir de um lado as regressões notabilizadas com tais características e de outro lado, os anseios utópicos de se celebrar preteritamente; sendo prudente observar os casos de crianças precoces que na pura infância mencionam episódios ocorridos em outra época, outro local, em circunstâncias jamais vividas.

Ainda que inúmeros casos de RVPs se mostrem como ilusão de um *status* pretendido, um único caso que gere prova do vínculo entre duas vidas atemporais seria suficiente para angariar todo crédito, pois a presunção é que o mesmo processo se estenda a todos os iguais.

A racionalidade aponta que a revelação de informações alheias à pessoa do hipnotizado confirma de imediato a existência prévia de tal conhecimento, que não pode se criar do nada e tampouco foi adquirido naquela vida presente.

A questão seguinte lida exatamente com a origem de tal conhecimento, que para explicá-la duas opções se apresentam: uma, defendendo que sua origem está no subconsciente e aflora sob tratamento hipnótico, predispondo ser intrínseco à pessoa do hipnotizado em vidas passadas, fundamentando a reencarnação numa nova vida; outra opção, de a origem de tal informação ser externa à pessoa do hipnotizado, que conseqüentemente pressupõe a presença de uma fonte geradora, que tanto pode ser de natureza material, ou espiritual.

E novamente, a resposta a esta dicotomia transcende a tecnologia do início do século XXI, por não possuir garantia sobre a origem das informações corretamente verificadas e que inexplicavelmente são manifestadas. Mas diante de duas dúvidas independentes, a combinação de suas respostas pode gerar considerações interessantes, porque as possibilidades da consciência projetada permanecer viva, ou morta, após a decomposição do cérebro, não se ajustam confortavelmente com as possibilidades da origem das informações inusitadas em RVP estarem na própria pessoa do hipnotizado, ou de serem externas. São duas considerações com duas alternativas cada, as quais se associam de quatro formas distintas.

A primeira forma de associação combina a suposição da consciência deixar de existir com a morte do cérebro, com a opção de a origem das informações inusitadas serem da própria pessoa hipnotizada; o que é uma contradição pela ambigüidade de suas premissas, de considerar hipóteses que pressupõem a morte e a vida simultaneamente. Morta, pela não existência da consciência com a deterioração do cérebro, e viva, por resguardar informações vividas anteriormente. É uma associação que não deve subsistir pelo antagonismo de suas prerrogativas.

A segunda associação conjuga a possibilidade da inexistência da consciência a partir da morte do cérebro, com a opção da origem das informações inusitadas serem externas à pessoa do hipnotizado, sendo que essa origem externa se desdobra em possíveis entidades, carnal e espiritual, que ensejarão conceituações distintas.

Se o conhecimento inserido for oriundo de seres carnais, estará referendando a suposição alienígena e seu plano de crença na espiritualidade pelo ilusionismo. Seriam seres extraterrestres que colonizam a Terra e se utilizam da capacidade física de projeção da consciência para implantar no subconsciente informações que por seu ineditismo dariam ilusão à outras vidas correlacionadas, alimentando a crença na continuidade viva em espírito.

E se a entidade que insere tal conhecimento for espiritual, ratificará a espiritualidade, podendo considerar a presença alienígena, mas sem plano de ilusão; e ao refutar a posse do conhecimento em vida passada previsto nas religiões reencarnacionistas, encontra respaldo nas religiões deístas com ressurreição, que concebem O poder supremo capaz de resgatar do pó o que um dia existiu e não mais vive.

A terceira forma conjuga a possibilidade de a consciência permanecer viva após a morte do cérebro, o que ratificaria a espiritualidade, associada com a origem das informações inusitadas ser externa à pessoa do hipnotizado.

Tal conjugação novamente desdobra no conhecimento inserido ser oriundo de seres carnais, referendando a suposição alienígena que agora se empenha na evolução da humanidade; ou senão, de a entidade que insere tal conhecimento for de natureza espiritual, possuindo aderência às religiões não-reencarnacionista, já que o hipnotizado não é o portador das informações expressas no transe hipnótico.

Por fim, a quarta associação, conjuga a possibilidade de a consciência permanecer viva após a morte do cérebro, com a opção da origem das informações inusitadas serem da própria pessoa hipnotizada, o que fundamenta plenamente a espiritualidade reencarnacionista, de que o espírito não morre e se renova em diversas vidas, armazenando memória, cujos resquícios guardados no subconsciente são alcançados pela hipnose.

Estas são quatro formas de associar a ciência ao projecionismo com RVP, numa tentativa de compreender a espiritualidade, conforme o tripé sugerido na capa; onde a primeira associação é contraditória pelo antagonismo de suas premissas, a segunda e terceira oscilam entre o ilusionismo alienígena e a espiritualidade com ressurreição e a quarta associação, é racional à espiritualidade reencarnacionista.

Doravante, as preferências pessoais ditarão o caminho e se a escolha é pela razão, perspectivas da ciência fértil e próspera serão lembradas, bem como que os fundamentos para a existência da espiritualidade procedem de observações da natureza, cujas forças físicas estarão muito além do controle ilusionista de qualquer civilização, asseverando a transição da energia viva no corpo para uma existência desmaterializada, sendo a memória pessoal, o único patrimônio transponível a outras dimensões alheias ao universo tridimensional tangível.

Nesse prisma, o corpo é o invólucro que prende o espírito, mas que se liberta com a morte para sair de cada qual assim como saíram dos ventres de suas mães, para novamente renascerem em outra dimensão, em outro entendimento inalcançável aos que ainda se encontram presos ao próprio corpo. Tudo corrobora o sentido da natureza que aponta para o mais denso apodrecer e o menos denso sobreviver; pois é da semente dura fragilizada pela umidade que nasce o broto tenro; é da larva em casulo rastejante que nasce a borboleta; é do ovo encouraçado que nasce o pintinho em plumas. Essa é a tendência observada, onde o corpo deteriorável, na função de um cofre maciço guarda algo interno e mais valioso, sempre se renovando.

# A Experiência Social Alienígena

Com a queda do Império Romano, a Igreja de Roma assumiu o controle do vazio de poder na Europa, assegurando a unidade do continente; e num mundo de papiros, sem imprensa, a voz da Igreja era a única luz e instrução que alcançavam os povos, determinando a crença na espiritualidade. Seus domínios se expandiram até a Idade Média, quando a violência imposta na Inquisição evidenciou seu desgaste.

Nesse cenário propício à revolução iluminista, Nicolau Copérnico destravou a ciência com um novo mundo heliocêntrico<sup>1</sup>; Isaac Newton fez tudo parecer previsível decifrando a matemática gravitacional; Charles Darwin foi crucial na indicação da origem das espécies; e Thomas Edison, inspirado na eletricidade, literalmente deu luz aos séculos de trevas.

<sup>1</sup>registros heliocêntricos são citados na biblioteca de Alexandria na era AC

Os séculos vindouros agregaram força ao pensamento materialista, alcançando ápice com a experiência de Urey-Miller que da matéria inanimada criaram aminoácidos básicos à formação das células vivas. Esses cientistas estadunidenses simularam as condições primitivas da Terra num ambiente de vapor, hidrogênio, amônia e metano sob descargas elétricas e ciclos de aquecimento, provando a formação natural de aminoácidos primários.

Esta experiência demonstra certa propriedade de organização da matéria, como uma ordem natural que se arranja por afinidade eletroquímica em um processo milenar de erros e acertos, que culminaram em sistemas orgânicos de processamento. Tais estruturas de carbono submersas ao mar, o grande laboratório da vida, originaram dois grandes reinos: animal e vegetal; os que extraíram do solo seu alimento, ali se firmaram, os que buscavam nutrientes do meio à sua volta desenvolveram calos, patas e punções para se locomoverem em captura.

Esse processo evolutivo decorre do somatório de adaptações produzidas por alterações genéticas em cada ciclo. Tais distorções entre gerações formavam imperfeições mais frágeis que sucumbiam por sua própria fragilidade, mas ocasionalmente também se dinamizavam com sofisticados comandos, prevalecendo mais adequadamente ao meio natural, perpetuando seu gen.

Numa sucessão de mutações formaram-se ecossistemas, onde sobreviveram os organismos que tinham maior destreza na busca de alimentos e na defesa de predadores, iniciando desde cedo a seleção da vida, onde os mais fracos serviam como massa orgânica aos mais fortes.

Os que foram dotados de metabolismo para processar o cálcio em cartilagens puderam crescer propiciando sustentação ao corpo; e os seres moventes de tentáculos requereram um elemento de coordenação do qual se formaria o cérebro, ainda não pensante, mas com capacidade de gerir repetições em sua locomoção.

Também desenvolveram mecanismos de multiplicação que atraídos em pares se locupletam pela união dos corpos, fluindo emoções pelas nevrálgicas ramificações, precipitando famintos hormônios que arrebatam o músculo de desejo, provocando êxtase decorrente do contato e da fricção, para então se acalmar, após alcançar mecanismo de ejaculação. O precioso sêmen segue sua evolução gestacional, garantindo o patrimônio genético que conferirá semelhante forma e função, repondo na natureza aquilo que era jovem e novo, mas que o tempo faz velho e antigo, frágil e morto.

Circunstâncias seletivas expurgaram os organismos menos adaptados para sobreviver os mais adaptados, num processo de seleção natural em meio oceânico, protegido pela radiação solar menos intensa. Somente após longo período de respiração das plantas subaquáticas, pôde a estratosfera alcançar níveis elevados de oxigênio e do seu derivado ozônio, que serviram como escudo da radiação solar, permitindo a emergência da vida para a superfície seca do planeta.

Primeiro o vegetal se espalhou pelos continentes para que depois pudesse vir o animal; enquanto o primeiro constrói transformando o inorgânico em orgânico, o outro, destrói ao alimentar-se de sua massa, convivendo num refinado equilíbrio que passa pela inversão de suas respirações.

Após longo período, em certo momento de expansão das variedades vivas, um meteoro levou a extinção os grandes répteis dando espaço aos mamíferos, especificamente ao primata, que se tornou bípede e suas mãos o transformaram em *homo habilis*, que atraídos pelo fogo em noite fria agrupavam-se em bandos e com a descoberta da agricultura vincularam-se à terra criando tribos e nações.

Todo esse desenrolar possui fundamento na homogeneidade da estrutura genética entre as espécies vivas, que pela similaridade dos aminoácidos A, T, C e G em seus nucleotídios, demonstram sua procedência comum, sua origem no mesmo caldeirão da sopa prébiótica<sup>2</sup> que existia originariamente quando começou a vida na Terra.

<sup>2</sup> termo usado por Carl Sagan

A experiência realizada por Urey-Miller em 1953 na Universidade de Chicago, permite conceber uma teoria concreta e irrepreensível pela sua reprodução fidedigna em laboratórios, cujas cargas eletroquímicas envolvidas se comportarão sempre da mesma forma em todo o universo pela presunção de homogeneidade, que ao contrário da excepcionalidade não precisa ser provada.

Embora as forças da natureza devam favorecer a espontaneidade da vida como uma constante em todas as galáxias, existe um longo caminho até sua ascensão à inteligência. Condição determinante será a distância da estrela ao planeta orbitante, cuja temperatura e pressão atmosférica devem resultar em água no estado líquido favorecendo em consistência e fluidez; de mesma sorte, a quantidade de água retida, a inclinação no eixo de rotação e a magnetização do núcleo, também concorrem ao sucesso do empreendimento da vida.

A ponderação de dificuldades e oportunidades à formação da vida em planetas aleatórios, levou o pensamento científico a considerar a equação de Drake, uma fórmula matemática que tenta prever a quantidade de mundos habitados nas galáxias e no universo.

Embora as variáveis consideradas na equação assumam valores subjetivos, a pretensão de exclusividade de vida inteligente no planeta Terra parece ser bem mais remota que seu inverso; pois a expectativa científica é de que existam  $10^{11}$  estrelas na Via Láctea, e semelhantes a ela outras  $10^{11}$  galáxias no Universo e essa multiplicidade de sóis ( $10^{22}$ ) é maior que a soma dos grãos de areia nas costas litorâneas de todos oceanos e mares, cavados em profundidade.

Um desses grãozinhos representaria a Estrela Sol, cuja gravidade sustenta a órbita da Terra, sendo também fonte de energia responsável pela fotossíntese, formando um ambiente oportuno ao desenvolvimento da vida. Apesar de muitos outros pré-requisitos serem necessários até o alcance das civilizações, a numerosidade de estrelas e orbes sob o preceito de similaridade evolutiva induz a aceitar a existência de vida inteligente em outros planetas.

Alheio ao *boom* ufológico desde a dramatização de uma invasão marciana que alcançou o pânico na costa leste dos EUA em 1938, predomina no meio científico a ideia de espontaneidade da vida no universo, em que seu mapeamento deverá mostrar a vida embrionária abundante, regredindo a planetas com vida pensante.

E tais seres pensantes teriam a aparência humana, ou talvez fossem formados de outras estruturas orgânicas, já que ambientes ricos em silício também poderiam gerar ligações químicas com o hidrogênio, com o oxigênio, e demais radicais, formando seres de moléculas sílicas, de peso atômico mais que o dobro do carbono.

O jogo das lentes com ampliação 1:100 por três vezes da figura abaixo, demonstra o posicionamento do Sol, uma estrela de quinta grandeza situada após o meio do braço de Orion, sem nenhuma exclusividade sideral. A imaginação de um universo estéril com vida exclusiva na Terra tende a desmoronar, porque se tratando de um evento replicável em laboratório, a descoberta de asteroides e planetas com vida embrionária a torna comum, sendo racional pensar em variadas formas e fases evolutivas.

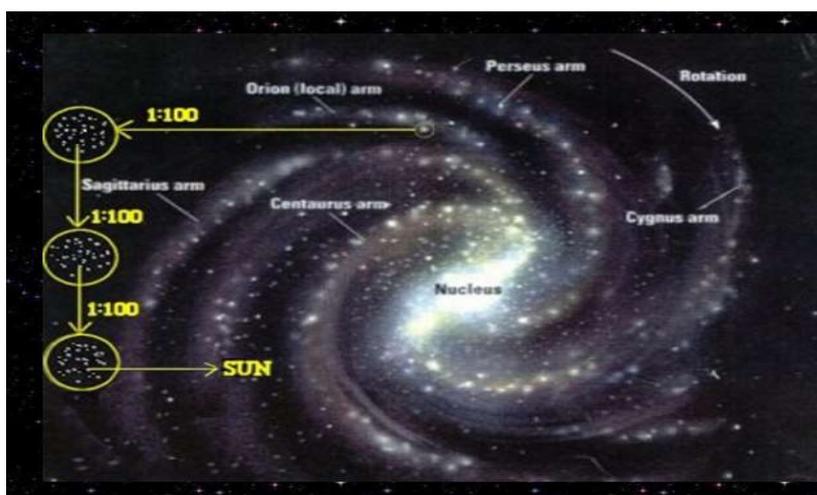


Foto da Via Lactea computadorizada pela NASA SEFEC VIE --- Ampliação 3 x 1:100 interpretação do autor

Sobretudo porque nesse espaço vasto de oportunidades, é fundamental considerar que o desenvolvimento tecnológico de uma sociedade demanda tempo numa escala desproporcional ao da evolução das espécies, que por sua vez, demanda tempo desproporcional ao tempo de formação geológica dos planetas, incrementando a existência de vida em variados estágios.

Portanto, seria prudente conceber a posição evolutiva humana como mediana, visto que, iguais ao Sol existem outras tantas estrelas oferecendo iguais possibilidades para formação e desenvolvimento da vida, que sem um viés casuístico, fazem de nós mesmo a confirmação de tal hipótese. Assim, parece razoável considerar que a natureza repetiu o evento espontâneo da formação da vida, numa distribuição aleatória de sucessões, gerando civilizações aquém e além, século ou milênios, cujos números não ferem a ordem de grandeza do Universo, mas fundamentam significativa diferença tecnológica, tão incríveis à transformação do mundo quanto foi a conquista da eletricidade.

As civilizações evoluíram em saltos tecnológicos: fogo, roda, agricultura, metal, eletricidade e relatividade; este último estágio lida com a transposição interestelar, além da imaginação dos melhores cientistas da atualidade, não sendo possível limitar os avanços da ciência que sempre surpreendeu o mundo velho.

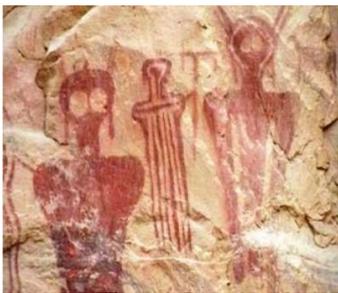
Assim, teriam canhões para realizar um disparo de energia que partiria a Terra como uma laranja, ou para calcular um equilíbrio de fatura entre as estações, pois a precisão da massa, da velocidade, do ângulo e superfície de impacto do meteoro que há 65 milhões de anos dizimou os dinossauros e 90% das espécies vivas, abrindo caminho para a ascensão dos mamíferos, têm sua espontaneidade questionável. Foi algo muito acurado para ser obra do acaso, pois um pouco a mais de energia aniquilaria toda vida na Terra e um pouco menos de energia sobreviveriam reptéis predadores dos homínídeos ancestrais da espécie humana.

A necessidade de metais raros já seria motivação suficiente para que expedições colonizadoras semeassem planetas, aprazíveis ou inóspitos, com propósito a alcançar vida inteligente ao estágio do aço, para exaurir as jazidas mais profundas, estocando e disponibilizando à superfície. E para extrair do solo preciosos minérios, realizaram na Terra uma experiência social desenvolvendo a vida animal com valorização do metal, que com o advento dos mercados tornaram-se *commodities*, purificadas e amontoadas à pilhagem em suas naves transportadoras.

Talvez tivessem específica necessidade do nióbio, metal raro e de estranha distribuição no planeta, ausente das civilizações antigas por ter uso recente nas ligas aeroespaciais, cuja demanda também o transformará em ativo negociável e estocável, igualmente disponível para ser saqueado. Tal suposição tem fundamento nas expedições astronáuticas realizadas por Rússia, EUA e China, que tendem a alcançar a viabilidade comercial na captura de algum asteroide rico a um pouso no deserto, evoluindo a civilizações desbravadoras que vagueiam pelo universo em busca de planetas propícios para sua mineração.

Possivelmente já teriam mapeado as galáxias estabelecendo bases de suprimentos, incluindo a Terra no seu rol de prioridade estratégica; e tal possibilidade não deve merecer aflição, pois não é sabido se caótica ou próspera seja a chegada de naves alienígenas. A única certeza é que o distanciamento tecnológico para seres capazes de viagens interestelares é maior que entre índios e europeus, que em caravelas atravessaram o oceano Atlântico para chegar na América; os atuais foguetes à propulsão nem conseguem escapar da gravidade do Sol.

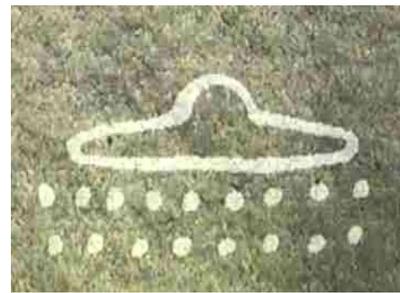
Pinturas rupestres de figuras alienígenas atestam a hipótese da presença extraterrestre em era paleolítica, época em que o homem das cavernas desenhava o que via, já que sua imaginação primária alcançava figuras do cotidiano. As imagens de seres de escafandros e trajes espaciais podem significar distinção na capacidade respiratória, como também podem estar inseridos meramente para indicar sua identidade exterior e suas naves de locomoção.



Utah/EUA +- 7.000 anos



Val Camonica/Itália +- 10.000 anos



Niaux/França +- 15.000 anos

Se houver alguma abordagem, seu contato mais próximo são os astronautas que como porta-vozes os anunciarão, pelo preceito de mínima interferência no ambiente monitorado, o que não descarta a possibilidade de intervir naquilo que convier.

Parece ter sido um complexo trabalho de construção planetária, que em certo momento requereu adestrar o animal rude no início das civilizações, quando na ignorância do entendimento geocentrista, viam a Terra como um lugar distinto, rodeada pelos astros e estrelas, sem a presunção de outros possíveis planetas habitados, para assim associar o céu sideral com o céu celestial, implantando a espiritualidade.

A motivação para criar a ilusão do prosseguimento da vida em espírito, estaria na necessidade vital de esperança, que direciona a conduta de bandos e tribos, como uma força de voz e comando para ordenar os homens a seus objetivos comuns na construção das sociedades.

A possibilidade da ilusão tem respaldo na própria natureza que contempla blefes, onde a seleção natural privilegia o pássaro de maior plumagem não apenas por beleza, mas por aparência de maior corpo e poder, quando na verdade é apenas camuflagem, já que penas longas não o ajudarão em combate.

Da mesma forma o homem também se utiliza de truques para alcançar objetivos, pois há registros da primeira guerra mundial sobre a tentativa de se construir uma falsa Paris, como chamariz aos aviões bombardeiros alemães; depois na segunda guerra mundial o ilusionista britânico Jasper Maskelyne foi encarregado de criar cenários falsos para igualmente iludir os inimigos.

Também na história do descobrimento da América há registros que Colombo engabelou os nativos aruaques, ameaçando e cumprindo apagar o sol pela capacidade de prever seu eclipse. Bem como o bandeirante de nome Anhanguera, no interior de Goiás iludiu os nativos pela intimidação de incendiar rios e florestas para exigir colaboração, tendo para tanto inflamado fogo em aguardente, desconhecido pelos índios, mas que pela aparência julgavam ser água do rio. Exemplos que demonstram a ilusão como tática de dominação, capaz de provocar fantasias coletivas direcionando a conduta humana à crença pretendida.

A variedade de religiões da Terra e sua distribuição geográfica faz ver seus surgimentos pela necessidade de um elemento moral, produtivo ao desenvolvimento das sociedades. Seriam unidades de colonização espiritualistas estabelecidas setorialmente, mas com padrões regulares profetizando protagonistas nascidos de uma virgem, com poderes de cura e de ressuscitar mortos, com renascimento ao terceiro dia, em alusão à reversão do movimento solar nos solstícios de inverno, apontando o renascer da vida em direção à primavera.

Assim, parece plausível pensar que a Terra foi preparada para que depois do plantio viesse a colheita; o plantio foi bem feito, a lua foi aportada e satélites orbitam o planeta. A colheita virá no tempo deles, que talvez sejam viajantes distantes, de outra galáxia, de um certo orbe precoce em condições magnificamente favoráveis ao acontecimento do primeiro estalo da vida no universo; e a partir de então, a civilização patriarca teve tempo em escala geológica para se estender por todas as galáxias, implementando seu gene, à sua imagem e semelhança onde fosse possível, ou como mutantes nos planetas inóspitos.

Além da motivação pela obtenção de minerais, o estudo de colônias primitivas também poderia viabilizar a germinação de planetas pelas galáxias; mas se algum dia ocuparem a Terra não merecem culpa, é a biologia natural do universo agindo em viveiros de abate, de espécies superiores usufruindo da criação de espécies inferiores.

Também não é proveitoso constituir exércitos para combatê-los, porque a natureza dá mostras de como a luta pela sobrevivência é feroz, em que um ser toma tudo, até a vida de outro ser para se manter vivo e essa brutalidade natural não pode ser descartada no espaço sideral.

Tudo assim procede porque a tecnologia prospera em séculos, enquanto o tempo da formação geológica é da ordem de bilhões de anos, oferecendo possibilidades para o distanciamento evolutivo no universo. Avanço que se traduz em tecnologia inimaginável aos cientistas do século XXI, cujos ancestrais iludidos por truques que não compreendiam, atribuíam milagres a feitos extraordinários, alicerçando a crença na espiritualidade, pois no pensamento geocêntrico era a única origem possível ao sobrenatural.

Os colonizadores alienígenas teriam promovido o ilusionismo da fé sobre os povos da Terra, empossando taumaturgos de atributos para impor forte valor cultural que modifica a essência do ser, pois assim ocorreu em diversos processos de conquista, em que os mais evoluídos iludiram os selvagens.

Talvez monitorem a Terra desde a formação dos oceanos, sendo as pinturas rupestres seu último registro, onde o homem paleolítico desenhou nas paredes de sua cabeceira a expressão do que havia de maior grandeza: a presença de seres superiores em naves e escafandros, demarcando a inquestionável presença alienígena passada, bem como o possível retorno futuro.

Tal visita inesperada já não seria surpresa, se vista pela abundância na Terra em relação à carência de minerais no universo, sendo assim estimada a hora do ladrão, que virá quando o ápice da demanda e do estoque for alcançado. Sorte da humanidade se não levarem mais que metade das jazidas da Terra para que possam se reerguer da escassez. Sorte da humanidade se a indenizarem com o conhecimento de sua tecnologia.

A motivação para alimentar a ilusão da continuidade da vida em espírito, poderia estar também em produzir um escape emocional à inteligência que percebe a própria morte. A semelhança genética entre as várias espécies vivas demonstra uma origem comum, onde o ser humano seria apenas uma estrutura em carbono mais complexa que uma maçã, sendo que tudo deriva da capacidade pensante que o *homo sapien* atingiu. E para entorpecer a aflição da degradação biológica serviram-se das religiões como um bálsamo à morte.

Assim, com propósito de entorpecente, ou como forma de comando, as religiões foram inseminadas nas diversas civilizações da Terra, fecundadas do elo entre a suposta divindade e o protagonista homem, ganhando acolhimento da coletividade em sede de esperança.

E as figuras rupestres alienígenas são prova desta versão, da vida decorrente da propriedade de organização da matéria, conforme sugerida pela experiência de Urey-Miller, que ocorreu em outro planeta, em outra época e seu caminho de evolução passa pela colonização da Terra.

## **SÓ a INCONCLUSIVIDADE VALIDA a FÉ**

Nas sociedades organizadas as constituições limitam e direcionam as ações humanas pela convicção das punições e recompensas previstas em lei, mas a sociedade espiritual possui prerrogativa de invisibilidade e incerteza quanto ao desfecho e consequências na possível vida futura.

As transgressões da lei nas sociedades decorrem desde o singelo furto de um pão até atos indescritíveis que a mente humana é capaz de alcançar, enquanto as transgressões do mundo espiritual se iniciam em tudo que contradiz a verdade, alcançando similar grau de negatividade.

De outro modo, o bom empreendimento na Terra estará sempre ligado a condição de posse, pois a vida porquanto durar é um mecanismo que busca saciar-se; enquanto a virtude na dimensão espiritual está voltada a um desfrute perene, que transcende o tempo de vida no corpo.

E uma vez que a vida no corpo é contada em anos, no tempo necessário para que algum mecanismo vital seja comprometido, a desproporção com a eternidade será sempre infinita, destituindo de proveito qualquer prazer ou posse obtida sob demérito da condição espiritual. Mas os atos individuais eventualmente desconsideram tal relação, de se constranger incessavelmente diante da espiritualidade pelo prazer de um instinto selvagem de curta duração.

Com isso, parece razoável pensar que o homem se dá ao erro espiritual por desconsiderar consequências; pois ninguém pula do alto do penhasco porque respeita as consequências da lei da gravidade, sabe que será implacável sobre seu corpo, seu convencimento é pleno e constante por sua atuação instantânea. Mas a consequência colhida no mundo espiritual é tardia, senão incerta, descompassada do cotidiano, permitindo que resquícios do instinto animal sobrepujem a civilidade, a fé, a interação com o mundo espiritual.

A forma velada como a dimensão espiritual se apresenta, cria uma força de incerteza que atua sobre todos os que cogitam a reexistência na espiritualidade, diferenciando a obediência da fé; pois se o mundo espiritual fosse visível e certo, a vida na Terra seria como um estágio, embutido em um casulo corpóreo, que com a morte se desliga para habitar outro lugar. Tal diferenciação surge porque a obediência dedicada à Constituição, tão respeitosa quanto a de quem se acerca da beira do precipício, se faz perceber, enquanto a fé está relacionada com o que está oculto, distinguindo-se da esperança que é fração de probabilidade.

Essa condição da existência de um mundo espiritual que não se deixa ver, essa força de incerteza, parece ser proposital, uma vez que as religiões relatam ocasionais manifestações do mundo espiritual, quando na quase totalidade do tempo se mantém oculto. Entre as razões para que essa invisibilidade seja mantida, é possível considerar o estado de incerteza como um elemento necessário ao desenvolvimento de alguma potencialidade útil em outro mundo.

Desta maneira, a visibilidade do mundo espiritual e a consequente certeza existencial invalidariam a fé para se tornar obediência cega e servil, assim como o empregado satisfaz as ordens de seu patrão; viveria por cumprir tarefas sem animar virtudes, sem exercitar o sincronismo das energias que o ser animal trabalha ao se tornar racional. Pareceria que a exigência da dúvida em relação à espiritualidade, denota um esforço específico e necessário ao desenvolvimento de alguma força desconhecida, enquanto a certeza anularia totalmente qualquer esforço.

Assim sendo, **só a inconclusividade valida a fé**, por criar um estado de incerteza, que provoca musculatura a certo instinto animal sobrevivente em espírito; e o contínuo exercício de identificação com a espiritualidade poderá ser determinante no processo de transição das vidas, pois que em vida material formata uma ligação com espírito, um elo imperceptível aos sentidos da carne, mas de lógica alcançável no silêncio reflexivo, devendo desabrochar forças com o mundo espiritual, pelo princípio da lei do uso e desuso, ou cresce ou atrofia.

Após justificar o título deste capítulo, é mister ressaltar que as religiões referendam a espiritualidade cheia de proezas sobrenaturais, mas também que esse mesmo sobrenatural, sem a existência da espiritualidade como origem da força criadora, estará atrelado a um outro poder, carnal e igualmente mortal, alienígena, que infiltra a religiosidade de forma controlada direcionando o homem a tornar a Terra um planeta menos selvagem ao seu convívio.

Assim, em ambas as considerações, materialista e espiritualista é notado certo zelo pela inocência ao mundo pós morte, que apesar do resguardo de incerteza requerido, disponibiliza à ciência amostra física e acessível do sobrenatural na imagem de Nossa Senhora de Guadalupe. Suas evidências sobre o material empregado e a sobreposição das tintas ao tecido, bem como o minúsculo desenho no reflexo de suas pupilas, denotam não ser obra do homem de 1531, quando o manto foi apresentado.

Pela permanente disposição à constatação da ciência, o manto de Guadalupe é uma relíquia que preconiza a existência de vida superior coabitando em carbono, ou em espírito; assim, hipóteses antagônicas sobre a procedência do manto sobrevivem juntas: ou o manto foi criado pela espiritualidade na forma de milagre ao índio Juan Diego, ou foi confeccionado por aqueles que tem poder de realizar uma viagem interestelar, bem como de fazer uma nanografia no desenho de suas pupilas. Se ambas as hipóteses sobre a procedência do manto se mantêm vivas diante da compreensão da ciência atual, persiste a inconclusividade.

Ainda que aconteça a fantástica profecia contida no livro do Apocalipse, 13, apontando um tempo futuro em que “ricos e pobres, livres e escravos não poderão comprar ou vender se não tiverem na frente, ou na mão direita, a marca da besta”, prevendo a inserção de chips eletrônicos localizados no corpo humano para realizar transações comerciais, sua ocorrência denota um conhecimento extraordinário no campo do desenvolvimento social da humanidade, mas não oferece exclusividade quanto a origem da força que inspirou a escritura do livro, se material, ou espiritual.

Desta forma, todo sobrenatural enseja duas explicações para a origem da força que o produz; pois ainda que em grandioso prodígio fosse previsto que todos os instrumentos musicais deste planeta tocariam espontaneamente acordes ao mesmo tempo, de modo que aqueles que tivessem uma flauta, um violão, ou uma percussão, pudessem dar testemunho de um som simultâneo e misterioso, apenas se poderia conceber a existência do poder que faz instrumentos musicais soarem por meios desconhecidos.

A ignorância de um princípio físico capaz de fazer vibrar os variados instrumentos musicais não deve necessariamente induzir à concepção da espiritualidade, já que seu efeito não restringe que sua força geradora advenha da dimensão espiritual, como também sua procedência não possui exclusividade no universo material.

Assim, prevalece a incerteza favorecendo como desagravo aos deslizes, pois a geração atual compreende um universo com múltiplas possibilidades, distintamente do homem primitivo que raciocinava no geocentrismo, sem alternativa senão atribuir à espiritualidade a ocorrência de possíveis truques capazes de criar expectativas falsas de uma outra vida.

Apesar de existirem explicações viáveis à existência e não existência da espiritualidade, há ocasiões na intimidade de cada pessoa onde tudo é tão exato, tão preciso em seu momento e seu modo de acontecer, que faz perceber algo além e misterioso que ultrapassa os limites do acaso, como um chamado sutil a reconhecer a interferência de um poder maior.

Mas é preciso manter o rigor pela ciência, porque num espetáculo bem menor que flautas e violões soando misteriosamente, o cotidiano está susceptível a uma ampla possibilidade de associações que eventualmente convergem em situações curiosas.

Coincidências aparentes ocorrem como o encontro inesperado de pessoas em locais diversos, como o sabonete fino que escorrega da mão e se depara na posição mais instável, ou como o objeto que bate, rebate e encaçapa no encaixe exato.

E mesmo os casos de catalepsia, os que sararam de doença incurável, os sobreviventes únicos de acidentes e os que fizeram da numerologia um ofício, não são protegidos do além, são apenas a personificação de ápices do acaso, cujo revés equivalente igualmente os atinge. São números da estatística em que a sorte e o azar andam juntos e em casos extremos fazem parecer benção ou maldição, induzindo a crer na interferência do bem ou do mal.

A incerteza se expande ao considerar que as convicções materialista e espiritualista apresentadas, buscam a compreensão da existência como que se conhecendo sua procedência, projetariam seu destino, numa presunção de retorno à origem. Se acaso o homem veio do nada, por ser uma consequência da natureza, então ao nada ele regressará, deixando de existir quando não mais viver; porém, se o homem foi criado em espírito, igualmente presume renascer da morte, retornando à espiritualidade. No entanto, o presente raciocínio não considera uma inversão de posição, de haver sido criado em espírito sem que a ele retorne, ou que havendo sido criado do nada, novamente do nada se recrie.

Assim, a razão acolhe a incerteza e repudia todo absolutismo, porque as opções materialista e espiritualista são excludentes, sendo que nem uma, nem outra, apresenta ainda razão para ser desconsiderada. O jogo entre tais opções está rigorosamente empatado, pelo respaldo científico que a descoberta da Relatividade deu à possibilidade espiritualista, em oposição materialista; e se nenhuma destas possui incoerência que a descarte, não é possível saber qual delas é a verdadeira.

Portanto, diante da subsistência de duas propostas excludentes e fundamentadas, a dúvida sobre a existência da espiritualidade persistirá até a ciência responder se a consciência externalizada em projecionismo é independente, bem como sobre a origem de informações inusitadas relatadas em RVPs. Essas duas perguntas abrem portas para uma maior compreensão da vida, que tem projeção atuarial para se acabar, evidenciando maior valor temporal no espírito eterno e correlacionado.

Tal correlação entre as vidas presente e futura, aponta certa disparidade de justiça entre as religiões reencarnacionistas, que facultam uma sequência de oportunidades, com as religiões com ressurreição, que conclamam toda justiça a uma única existência. Mas independente de ideologia, o princípio de correlação das vidas faz ver que o prevalecimento carnal é imprudente, senão insensato, diante do tempo comparado de gozo entre as existências.

Esta desproporção temporal coloca os infratores espirituais em permanente e perigosa desvantagem, pois existindo a espiritualidade, toda desatenção pelo prazer efêmero da carne colocaria em risco a condição na reexistência eterna; por outro lado, se nada existir, não haverá vitoriosos nem perdedores, simplesmente ninguém saberá.

Por hora, é possível perceber certa estagnação, ou até regressão no conhecimento da metafísica se comparado ao antigo Egito, marcado pela riqueza extrema capaz de construir pirâmides e pelo forte culto com a transição ao mundo dos mortos. Parece que o ciclo de guerras e conquistas ofuscou o interesse pela espiritualidade e até a centelha das mesas girantes na nobreza europeia do século XIX, foi apagada pelo charlatanismo infiltrado e justificada por um efeito ideomotor de movimentos involuntários e inconscientes.

Senhores eminentes da época conclamaram a verdade e a mentira de ambos os lados sobre os acontecimentos mediúnicos sobrenaturais, mas o descrédito por algumas fraudes desmascaradas e o medo do ridículo foram mais fortes causando um auge sucedido de decadência, relegados da atenção da sociedade *high-tech*.

E tais desvios culminaram num novo milênio leigo sobre a espiritualidade, sobre o poder da mente, censurado por superstições desde os tempos das bruxas, dos rdomantes e dos paranormais, que evidenciam forças interiores do homem a desabrochar. Esse atraso no conhecimento ligado à condição espiritual recomenda prudência e não raciocinar com o conhecimento de agora, mas perceber que o novo se apresenta.

Para avaliar a grandeza do inusitado, basta retroceder ao ano de 1873 e anunciar que “em menos de cem anos o homem pousará na lua”. Era um tempo que em Paris se iniciavam os primeiros ensaios de balão com carga e Alberto Santos Dumont era um bebê recém-nascido, longe de executar o primeiro voo controlado em seu XIV BIS.

Viria a ser uma verdade incontestável em 1969, mas absurda para uma época sem eletricidade e de carruagens a cavalo. Provavelmente a compreensão da ciência projetada igual período para frente, alcançará uma realidade igualmente inconcebível para a razão de hoje. Portanto, nenhum espanto justificará o incompreensível, porque existindo a espiritualidade, seus princípios deverão se alinhar com uma verdade eterna.

E a verdade parece ser que o desalinhamento entre os fundamentos religiosos, mostram diversos destinos para uma única realidade; mas em nada pode o pinto saber o que há fora do ovo, no entanto, o mundo externo pode germinar o ovo e nele introduzir o sêmen melhorado para serem luz para os povos na transição dos mundos.

O que parece razoável aos dias atuais é que somente a morte poderá responder individualmente a grande dúvida do por vir; se os iguais se encontrarão em espírito, ou se todos são como espectadores num grande salão de mágica, sem saber que serão enganados, sendo este o charme do mágico, de mostrar o impossível como possível!

Persiste a inconclusividade, porque nem a espiritualidade invalida a existência extraterrestre, nem a presença alienígena destitui a espiritualidade; e é fortuito acrescentar que ninguém poderá se arrepender por crer na espiritualidade, pois se não houver uma existência posterior não haverá arrependimento.

Pode haver ocorrido que o elemento água, combinado com o ar e o pó, em catalise com o elemento fogo deram origem a vida, que anima a matéria até alcançar a inteligência, dando a perceber o novo elemento, o espírito. O universo transcende às três dimensões perceptíveis, apontando possibilidade para a continuidade da evolução, onde o vetor da natureza seja talvez, mineral, vegetal, animal, inteligente, espírito?

## PALAVRAS do AUTOR

Nasci em família tradicional simples e leigo sou, não conheço profundamente coisa alguma, apenas colhi informações na internet para organizá-las conforme a lógica apresentada neste estudo, que não pretende induzir crentes e ateus a ocuparem posições inversas, mas tão somente dar relevância ao tema da espiritualidade que a **desproporção temporal** impõe. Antecipo desculpas por toda ousadia de manifestar entendimento sobre o bem ou sobre o mal, de enxerir em assunto clerical, mas fui desperto no sono da madrugada na primeira metade da minha vida, ao sopro de pensamentos atônitos anotados em retalhos de papel e reescritos, conforme a vivência direcionou a priorizar a existência do espírito ante às necessidades mundanas e transitórias, pois chego a idade em que percebo que tudo que tenho um dia irei perder!

Tal vivência de busca e observação me levou a reconhecer um Poder do lado de lá, pelos emaranhados da vida que desembocam em desfiladeiros sem saída e que em socorro, portas que não existiam se abriram. Foi uma trama de desacertos e acasos muito suaves ao longo de décadas até as páginas deste estudo, que me levam a perceber muitas coincidências para ser só coincidência.

Pareceu que algo me encaminhou a uma transição de forma suave, sem milagres ou demonstrações de sobrenatural, fruto do amadurecimento do ser rude, que diante da pretensão da reexistência e face a todas as religiões, reconheço Nosso Senhor Jesus Cristo como aquele que se pronunciou sobre a transição dos mundos com maior autoridade e entendo que seus evangelhos sobrevivem para relatar a mansidão com que Se entrega ao martírio, demonstrando um sentimento efêmero pela própria existência terrena, de desapego, sinalizando um despertar para a relação temporal infinita com a eternidade em espírito.

Por esse encaminhamento sem merecimento, professo minha fé no Deus YHWH, nome ocultado na septuaginta, mas que quer Se revelar àqueles que O procuram, como foi feito a Abraão, pai de Isaac, pai de Jacó, pai de Judá, cuja tribo descende o rei Davi, e José, o carpinteiro, que com Maria criaram o pequeno YESHUA, ou YAUSHA; nome e som proximamente pronunciado da boca de sua mãe, mas que as transliterações latinizaram em Iesus e depois em Jesus.

Sagrado é o nome santo, mas minha direção são os evangelhos de Matheus e de João que testemunharam O dono da vinha, cujos registros foram fiéis e fisicamente guardados pela Igreja de Roma, desviada da congregação primária, sem a realização de prodígios. Suas igrejas bem me representam na Eucaristia que honra o Filho e conseqüentemente honra o Pai, numa celebração de joelhos ao chão em que reconheço o flagelo de Jesus de Nazaré ao vir a este mundo exclusivamente para dar referências do mundo além, aceitando a dor real que haveria de passar, a fim de plantar Sua videira, o caminho de todos os que um dia perecerão.

Jesus de Nazaré está ligado ao Todo Poderoso, de um poder transbordante, pois é capaz de dar de Seu poder e mantê-lo em ausência e a divulgação mundial de Seu nome precede Seu reino. Vejo sentido nos evangelhos pela dor necessária para que as gerações 2000 anos após, justificassem pela perseguição, sofrimento e morte, uma condição extremamente temível, em que só a verdade sustentaria o cristianismo logo após Jesus de Nazaré; sendo minha opção crer e dar-Lhe glória, para não desmerecer o sacrifício pessoal do Cristo.

# Obrigado Senhor YHWH

Sem Ti não conseguiria, estava vendendo pizza no Largo da Piedade...

## Obrigado Teresa Celeste

Talvez eu tivesse conseguido sem você, mas não teria o seu toque!

E obrigado aos amigos, anjos, protetores e detratores!

Original do site: <https://pgmundo.rerigueri.com.br>

**Tudo passou tão rápido,  
o que resta é muito breve!**